

» Entrevista/Luiza Helena Trajano

Empresária conta como atua para transformação social: é a favor de cotas raciais em empresas, promove a inclusão das mulheres na sociedade, se preocupa com a manutenção de empregos em tempos de crise, investe em projetos sociais e influencia políticas públicas

Cidadã política

» PATRICK SELVATTI

Quando se fala em empreendedorismo, gestão, liderança e empoderamento feminino, a presidente do Conselho do Magazine Luiza, Luiza Helena Trajano, aos 75 anos e em plena atividade, é considerada uma referência brasileira. Listada pela revista Time como uma das 100 mulheres mais influentes do mundo, a empresária paulista comanda a rede de varejo

Magazine Luiza, fundada por sua tia, Luiza Trajano, falecida em fevereiro deste ano.

Em entrevista exclusiva ao Correio, ela fala sobre os desafios das mulheres no mundo corporativo, a importância de se encarar crises como oportunidades de crescimento, o papel da gestão de recursos humanos e a necessidade urgente de se focar em diversidade nas contratações.

“Para atingir essa diversidade, sempre fui a favor de cotas. Cota é um processo transitório

para diminuir uma desigualdade”, argumenta a também líder do Grupo Mulheres do Brasil, formado em 2012 por 50 empresárias atuantes em diversos segmentos da economia, que se uniram por um objetivo em comum de melhorar o país.

Hoje, elas são mais de 4 mil e se encontram todo mês para discutir e propor ações ligadas à educação, empreendedorismo, projetos sociais e cotas para mulheres. “Somos um grande diferencial no mundo do trabalho”, afirmou.



Divulgação

Luiza Helena, a senhora é uma das poucas mulheres que lideram grandes negócios no Brasil e está entre as mais influentes. Quando começou a atender no balcão da loja da família, ainda criança, já tinha essa ambição?

Nunca trabalhamos no Magazine Luiza para ser o maior ou concorrer com alguém, sempre fomos focados no trabalho.

Tenho, na minha sala, uma frase que gosto muito, de São Francisco de Assis, que é: “Comece fazendo o que é necessário, depois o que é possível, e, de repente, você estará fazendo o impossível”.

Pela sua experiência, qual a maior dificuldade que uma mulher encontra no mundo corporativo?

Já avançamos muito no mundo corporativo, mas ainda temos um longo caminho a conquistar. As empresas que ainda não perceberam que a mulher é um grande diferencial no mundo do trabalho, certamente ficarão para trás.

O Grupo Mulheres do Brasil completou 10 anos. Qual o saldo dessa jornada?

Estamos, hoje, com núcleos em todo o Brasil e também espalhados por todos os continentes, com mais de 120 mil participantes. Todos os núcleos trabalham intensamente em dezenas de causas que já fizeram a diferença em muitos lugares. Também temos um grande trabalho de influenciar políticas públicas, de acordo com a necessidade da época. Foi assim quando

lideramos o Unidos Pela Vacina e, agora, estamos com um grande trabalho para acabar com a violência contra a mulher e buscar a equidade de cadeiras nas próximas eleições.

Ainda que não exerça cargos públicos, a senhora se considera uma mulher política. Como é essa atuação, na prática?

Sempre fui uma cidadã